

AULA-PASSEIO NO ENSINO DE CIÊNCIAS DA NATUREZA: relato de uma experiência extraescolar

Simone Rodrigues ¹
Verônica da Silva Springer ²
Fabiana Lasta Beck Pires ³

A Residência Pedagógica nos proporcionou atuar como docentes na rede pública de ensino e vivenciar inúmeras experiências e possibilidades metodológicas diferenciadas. A aula passeio foi uma delas, que acabou ressignificando a nossa prática e, conseqüentemente, a aprendizagem dos estudantes, que aparentavam estarem um pouco desmotivados com as aulas rotineiras com longas exposições orais, repetições de textos dos livros didáticos. Práticas como essas acabam não despertando o interesse dos estudantes em relação às atividades de âmbito escolar e na condição de professoras residentes percebemos que precisávamos mudar, buscando novos rumos de aprendizagens, estimulando o prazer dos estudantes em aprender gradativamente mais.

A intenção de escrita delineou-se em função da busca constante por metodologias diversificadas capazes de estimular os alunos a aprenderem o conteúdo proposto de maneira prazerosa. No decorrer das aulas de regência, as residentes puderam notar o quanto o formato tradicional das aulas muitas vezes desestimula os alunos, instigando-as a propor uma metodologia que pudesse mudar essa situação. A aula-passeio foi a proposição escolhida pelas residentes, pois articula a teoria e a prática, criando novas possibilidades de ensinar e aprender ciências da natureza.

Deste modo, esta escrita tem como objetivo refletir sobre a aula-passeio como possibilidade de ensino e aprendizagem de ciências da natureza, a partir de um relato de experiência, pautado na opinião das professoras residentes e dos estudantes.

¹ Graduanda do Curso de Licenciatura em Química, Residente do Programa Multidisciplinar de Residência Pedagógica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha – Campus Panambi; e-mail: simone.2021015401@aluno.iffar.edu.br.

² Graduanda do Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, Residente do Programa Multidisciplinar de Residência Pedagógica do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha – Campus Panambi; e-mail: veronica.2021015439@aluno.iffar.

³ Professora Orientadora: Doutora em Educação, Docente EBTT do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Farroupilha – Campus Panambi; e-mail: fabiana.pires@iffarroupilha.edu.br.



Metodologia

Este relato de experiência enfatiza uma aula passeio vinculada ao Programa de Residência Pedagógica oferecido pela CAPES, em parceria com o Instituto Federal Farroupilha. A atividade empírica foi realizada em uma escola pública do município de Panambi.

A experiência em sala de aula, como forma de estágio, ocorreu entre março e agosto do ano de 2023, em duas turmas do 2º ano do Ensino Médio, compostas por 25 alunos, sendo que nem todos eram assíduos. Inicialmente, realizou-se algumas observações pertinentes à atuação do estágio, tais como reconhecimento e diagnóstico da turma, para auxiliar no planejamento das aulas de regência. Ao longo das aulas percebemos que os alunos estavam desmotivados em relação à aprendizagem, então investimos em diferentes metodologias para tentar reverter essa situação e a aula-passeio será o foco de análise deste relato.

Aprendendo ciências da natureza em diferentes contextos

As atividades pedagógicas fora do ambiente escolar podem ser muito proveitosas, desde que haja um objetivo, planejamento e cooperação dos profissionais da escola. Tais atividades envolvem a colaboração e a aprendizagem por meio da experiência, do sentir, do agir e do pensar mais qualificado. Para Vigotski (2007, p. 92), “o aprendizado é mais do que a aquisição de capacidade para pensar; é a aquisição de muitas capacidades especializadas para pensar sobre várias coisas”. Se a aprendizagem é a capacidade de pensar sobre várias coisas, então a aula de campo é a concretização e “organização desse aprendizado”, pois ao estudarmos os conteúdos de química e biologia, em uma aula de campo, estamos envolvidos com os aspectos físicos, naturais, humanos, econômicos, sociais, culturais e etc. Tendo esse ponto de vista, desenvolvem-se várias capacidades de focalizar a atenção sobre vários aspectos.

No entanto, os conhecimentos químicos e biológicos ainda são tratados na escola de uma maneira muito formal, exigindo apenas que os alunos memorizem fórmulas, nomes, regras e leis. Sendo assim, os conteúdos de Química e Biologia se tornam “menos importantes” em nossa sociedade e acabam por despertar pouco interesse por parte dos alunos.

Tal consideração nos faz refletir sobre a necessidade de professores que repensem suas aulas, que procurem planejá-las tanto em relação aos conteúdos abordados quanto em relação às metodologias e objetivos. Outro importante aspecto a se levar em conta é o comprometimento e envolvimento dos alunos na construção do seu próprio conhecimento.

Para Freinet (2004), as aulas-passeio surgiram para modificar a maneira de administrar as aulas, pois o aluno se interessa por aspectos fora da sala de aula e, assim, oportuniza ao aluno



um aprendizado real com auxílio do professor para a internalização de seus conhecimentos. As aulas-passeio estão voltadas para o interesse dos estudantes, a partir de suas realidades, sendo o principal objetivo a motivação dos educandos para a aprendizagem, através da cooperação e do prazer.

As aulas-passeio possibilitam um contato direto com os ambientes não formais, possibilitando que o aluno interaja e se envolva em situações reais, confrontando a teoria com a prática, estimulando a sua curiosidade, aguçando os seus sentidos. As atividades fora da sala de aula permitem que os estudantes se tornem os personagens principais do seu aprendizado, sendo elementos ativos e não meros receptores do conhecimento.

Assim como Freinet (1975), Gadotti (2005; 2009) tem debatido sobre a importância da ampliação dos espaços de formação e das múltiplas vivências no processo de ensino e aprendizagem dos estudantes em diferentes níveis e modalidades da educação. O autor salienta que a “educação ao longo de toda a vida implica ensinar a pensar, saber comunicar-se, saber pesquisar, ter raciocínio lógico, fazer sínteses e elaborações teóricas, saber organizar o seu próprio trabalho, ter disciplina para o trabalho, ser independente e autônomo [...] (GADOTTI, 2009, p. 32).

Resultados e discussões

Destacamos a importância da aula-passeio, pois possibilita aos alunos desenvolverem aprendizagens significativas em novos espaços, de forma prazerosa e descontraída, podendo despertar o interesse dos alunos em relação aos conceitos científicos trabalhados nas aulas de ciências da natureza. Com a aula-passeio, a escola possibilita ao aluno aprender além da sala de aula, explorando o ambiente a sua volta com vistas a transformá-lo.

No intuito de avaliar a prática realizada, foram elaboradas três perguntas relacionadas à aula-passeio, direcionadas aos alunos, que serão discutidas a seguir:

1. Você gostou da aula-passeio? Foi construtiva para o seu aprendizado?
2. O que você aprendeu na aula-passeio/visita ao IFFAR e nos diferentes espaços temáticos (laboratório de Biologia, laboratório de Química, Meliponário didático e trilha)?
3. Qual espaço lhe despertou maior interesse? Justifique a sua resposta.

Em relação à primeira pergunta, de maneira unânime os alunos manifestaram apreço pela aula-passeio, que proporcionou a aproximação da teoria com a prática, além de despertar o interesse nos assuntos abordados. As falas dos alunos reiteram isso:



Sim! desperta meu interesse no laboratório de química, e também no laboratório de Biologia (aluno 1).

Sim, conheci muitos lugares e experimentos, aprendi novos conhecimentos (aluno 3). Eu gostei porque não é só uma aula chata na sala de aula. Que temos todo dia. Sim aprendi muito (aluno 4).

Sim, ter contato com aquilo que aprendemos na parte prática (aluno 5).

Tais depoimentos ressaltam a importância de atividades diversificadas, que extrapolem o contexto escolar, ao encontro da premissa de Freinet (2004), que defende as aulas-passeio como possibilidade de modificar a maneira de administrar as aulas, pois o aluno se interessa por aspectos fora da sala de aula tornando-se o protagonista do ensino e aprendizagem.

Já em relação à segunda pergunta, voltada às aprendizagens que a aula-passeio proporcionou, os alunos assim expuseram:

O quanto precisa de técnica para realizar os experimentos, ter conhecimento para saber se pode a não ter contato com a pele... Também entender a importância das abelhas para o ser humano e nosso meio ambiente (aluno 1).

Aprendi um pouco sobre: a conservação dos animais mortos, os experimentos feitos no laboratório de química, as abelhinhas e como vivem no meliponário, os lugares interessantes vistos na trilha (aluno 3).

Aprendi como funciona empalhar um animal, vi várias coisas que antes não tinha conhecimento (aluno 5).

Com esses depoimentos percebemos que ficou esclarecido que os alunos internalizaram os seus conhecimentos mediante seus interesses, ao encontro da premissa de Freinet (2004). De acordo com o autor:

Certamente, ganhamos o ensino à medida de cada um, a necessidade do interesse funcional sem o qual nenhuma fibra do ser amorfo poderá vibrar, a individualização do ensino que permite, a cada aluno, caminhar melhor segundo as próprias aptidões, a materialização e a experimentação, que corrigem, pouco a pouco, a intelectualização exagerada sob a qual sucumbíamos - todas elas conquistas de que nunca seria demais exaltar o alcance no processo de modernização pedagógica.

Na terceira e última pergunta, relacionada ao espaço que despertou mais interesse, os alunos assim expressaram:

As abelhas no meliponário pois existem várias espécies e é um lugar área aberta bem legal (aluno 2).

Acredito que foi o laboratório de biologia. Foi interessante ver todos aqueles animais conservados de perto, conhecer sobre como acontece esse processo (aluno 3).

O espaço de Biologia pois tem aqueles animais empalhados (aluno 4).

As vozes dos sujeitos enfatizam a importância da utilização de metodologias diversificadas, como a aula-passeio, destacando inúmeras aprendizagens, tais como o interesse dos alunos em aprender, conhecer novas possibilidades, instigando a curiosidade de aprender, contribuindo com os estudos sobre determinados temas. Freinet (1975, p. 23) argumentava que



[...] “a aula-passeio constituía para mim uma tábua de salvação. Em vez de me postar, sonolento, diante de um quadro de leitura, no começo da aula da tarde partia, com as crianças, pelos campos que circundavam a aldeia”.

Para o autor tal metodologia possibilita a alteração do *status quo*, propondo a quebra do ensino maçante e rotineiro, dando lugar à observação, à pesquisa, à formulação de hipóteses e à aprendizagem ativa.

Considerações finais

As aulas-passeio, por se constituir uma metodologia fora dos espaços escolares, em ambientes não-formais, possibilitam que o aluno seja o protagonista do seu aprendizado, livre para fazer suas observações, indagações e conclusões de acordo com seus interesses e curiosidades, tornando a aula dinâmica e descontraída, mas sem tirar o foco principal que é o conhecimento. É consensual que todos os alunos gostaram dessa metodologia de ensino, pois aprenderam muito sobre vários contextos além da sala de aula e salientaram que sair da rotina desperta muito interesse sobre os conteúdos.

Palavras-chave: Ensino. Aprendizagem. Espaços não formais. Ciências naturais.

REFERÊNCIAS

FREINET, C. **Pedagogia do Bom Senso**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

FREINET, C. **As técnicas Freinet da escola moderna**. Tradução de Silva Letra. 4. Ed. Lisboa Portugal: Estampa, 1975.

GADOTTI, M. **A questão da educação formal/não - formal**. Sion: Institut International des Droits de 1º Enfant, 2005, 1-11.

GADOTTI, M. **Educação integral no Brasil: inovações em processo**. Produção de terceiros sobre Paulo Freire; Série Livros, 2009.

GIL, A. C. **Como Elaborar Projetos de Pesquisa**. São Paulo: Editora Atlas S. A., 2002.

VIGOTSKI, L. S. **A Formação Social da Mente: O desenvolvimento dos processos psicológicos**. In: COLE, M.; JOHN-STEINER, V. (Org.). Tradução NETO, J. C.; BARRETO, L. S. M.; AFECHE, S. C. 7º. Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007. Cap. 6, p. 88-105.